



A INTERAÇÃO DOS LEITORES COM OS CONTOS DE FADAS, NA SOCIEDADE

MIDIATIZADA: APONTAMENTOS TEÓRICOS¹

Evelin de Oliveira Haslinger²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo (RS).

Resumo: Pretende-se neste artigo efetivar uma análise dos contos de fadas, na sociedade em vias de midiatização e como estes livros vêm se configurando nesta nova ambiência, estabelecendo novas relações entre o leitor e a obra. Nesse processo de coprodução, o leitor ora é receptor e ora é produtor, o que o torna, igualmente, um partícipe do processo de circulação de conteúdos, um dos pilares da estrutura da sociedade midiatizada. Tratando-se de uma pesquisa em andamento, a análise está mais direcionada para o cotejamento de aportes teóricos do que a apresentação de resultados do material empírico.

Palavras-chave: literatura infantil; contos de fadas; leitor; circulação; midiatização.

Abstract: The aim of this article is to conduct an analysis of fairy tales in a society in process of mediatization and how these books is configured in this new environment, establishing new relationships between the reader and the work. In this process of co-production, the reader sometimes a receiver and sometimes a producer, which also makes him a participant in the process of content circulation, one of the pillars of the structure of mediatized society. Being an ongoing research, the analysis directs to the collation of theoretical contributions than the presentation of results of the empirical material.

Keywords: children's literature; fairy tales; reader; circulation; mediatization.

¹ Versão revista de artigo, originalmente apresentado na III Jornada Acadêmica de Pesquisadores da Recepção, na UNISINOS, São Leopoldo/RS, em julho de 2016.

² Mestranda em Ciências da Comunicação, no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista Apoio Técnico (AT) CNPq.

1. Introdução

Quem nunca foi criança e se deleitou com os livros infantis? Cheios de mistérios, de beleza narrativa, de encantamento das personagens e de sonhos, os livros infantis encantam crianças pelo mundo todo, desde tempos imemoriais. E, mesmo hoje, na sociedade altamente informatizada em que nos encontramos, eles ainda têm o poder de despertar o interesse de leitores mirins.

Mas não são mais os mesmos, não são mais aqueles livros que nossos avós e pais leram e com os quais se encantaram. Os livros infantis mudaram. Conservaram-se as histórias, mas muitos dos seus aspectos se adaptaram, se modernizaram, para atender a um novo leitor, um leitor de uma sociedade em vias de midiatização, que, como afirma Gomes (2013, p. 137 -138), vive imerso em uma “nova ambiência”.

Nesse sentido, nossa preocupação epistemológica se centra numa inquietação acerca da natureza dos atuais livros infantis, em especial os contos de fadas, imersos em uma nova sociedade – em vias de midiatização. Até que ponto os livros infantis estão midiatizados? E, em estando, quais os aspectos dessa midiatização? Foram essas algumas das questões que nos impeliram à investigação desse campo empírico.

Outra justificativa de interesse foi a motivação pelo contato com o livro “Meu Diário Secreto – Cinderela”, de Kees Moerbeek (2012), obra apresentada por uma criança de nosso convívio e que, à primeira vista, chamou nossa atenção, quando a criança mostrava, entusiasmada, as imagens em 3D presentes no livro. A sua motivação também despertou o nosso interesse pela obra. Por que tal livro chamava tanto a sua atenção?

Numa análise preliminar, pudemos observar vários aspectos vinculados ao contexto da digitalização e que trazem uma adequação ao público infantil contemporâneo, formado por nativos digitais³. Para Michel Serres (2013, p. 19), as crianças de hoje “... habitam o virtual”, “Não têm mais a mesma cabeça”, “Não habitam mais o mesmo espaço”. De fato, os leitores de hoje não são mais os mesmos de épocas passadas. Neste sentido, como o livro infantil vem acompanhando este processo de midiatização da sociedade?

Por meio de uma pesquisa exploratória, realizada em visitas de campo a livrarias, feiras de literatura infantil, sebos, bibliotecas, buscas na internet e em contato com as obras, pudemos perceber os aspectos de inovação no corpo desses livros. Cabe destacar que, nesse conjunto, os clássicos ou contos de fadas são os que mais se destacam, alguns como Cinderela, A Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e a Bela Adormecida são os que mais aparecem na pesquisa exploratória, como já detectou Coelho (2012, p. 17):

³ Denominamos nativos digitais aquelas pessoas já nascidas em um ambiente altamente relacionado com as tecnologias de comunicação. (PRENSKY, 2001)

Multiplicam-se nas livrarias as edições e reedições dos contos de fadas ou contos maravilhosos, lendas, mitos, clássicos antigos e modernos. O mercado oferece, em sedutoras edições ilustradas, toda uma literatura que parecia perdida no tempo (...). Livros que parecem anacrônicos ao serem confrontados com este nosso ciberespaço (dinamizado pelas multimídias e transformado pelas conquistas da eletrônica e da informática), mas que são verdadeiras fontes de sabedoria.

Para fugir deste “anacronismo”, de que nos fala Coelho (2012), percebe-se certo movimento, por parte dos produtores, em especial pela Disney, para tornar o livro infantil mais atrativo⁴. Tudo isso para se adaptar ao interesse de uma criança localizada em um novo tempo, para o qual já existe, inclusive, a denominação: Geração Alfa (CORRÊA JÚNIOR et al 2016). E para alcançar o seu fim editorial: o aumento do consumo.

2. O leitor e o livro infantil

Os livros infantis acompanham a infância desde há muito tempo. Na tentativa de localizar no tempo o início de uma literatura infantil, afirma Zilberman (2003, p. 15), “Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas porque não existia a ‘infância’”. E, para construir um contexto social, o autor escreve:

Entre os gêneros literários existentes, um dos mais recentes é constituído pela literatura infantil, que apareceu durante o século XVIII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade provocaram efeitos no âmbito artístico, mudanças que vigoram até os dias atuais. (ZILBERMAN, 2003, p. 33)

Dentre a literatura infantil, há que se destacar os clássicos. Segundo Zilberman (2003), a história da literatura, guardiã dos clássicos, dominou os estudos literários no século XIX e, sobretudo em nosso país, passou do âmbito especializado para o universo da escola. Os contos são clássicos porque são antigos e não porque sejam eruditos. São considerados clássicos da literatura infantil aquelas histórias que passaram por várias gerações e que continuam vivas na contemporaneidade, sofrem adaptações e inspiram outras histórias. Cabe informar que os contos de fadas, antes de serem enfeitados em livros por Charles Perrault, no século XVII, tiveram uma tradição oral, como registra Ribeiro (apud VELAY-VALLANTIN, 2016, p. XX):

(...) os contos, que em sua origem pertencem à tradição oral, tinham a função estética e social de recrear as assembleias de camponeses e de artesãos durante as longas vigílias de inverno, de acompanhar certos trabalhos sedentários ou monótonos, de propiciar um instante de evasão e de sonho aos

⁴ De acordo com Darnton (2010, p. 40), a história do livro sofreu uma série de mudanças tecnológicas, o que configura um processo evolutivo neste dispositivo, até chegar ao que temos hoje – este formato híbrido, misto de impresso com tecnológico, que este autor denomina de “...comunicação eletrônica, a quarta grande mudança”.

marujos e soldados nos momentos de ócio, entre períodos de trabalho e aos trabalhadores, durante horas de repouso.

De acordo com Corso (2006), historiadores têm encontrado variações dos contos há séculos e séculos; como é o caso da Cinderela, em que há variações de narrativas em quase todas as culturas, já sendo documentada uma versão chinesa do século IX da nossa era. As mais conhecidas são, claro, as versões de Perrault (1697), a versão alemã dos Irmãos Grimm (1812) e a de Walt Disney (1950). Ainda de acordo com Corso (2006, 303), as histórias trazem em si um importante ingrediente de positividade:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.

Historicamente, essas narrativas vêm se reinventando através do tempo, mantendo, a despeito das suas inovações em termos de formato e elementos de mídia, a essência dos seus aspectos fundantes:

Até os distraídos já puderam notar que, entre as muitas curiosidades deste nosso tempo caótico, dinamizado pela cultura cibernética, vem-se sobressaindo a crescente onda de interesse pela literatura alimentada pela magia, pelo sobrenatural, pelo mistério da vida, das forças ocultas. E, no rastro desses interesses, também as fadas estão de volta, entrando não só nos lares, mas também nas escolas (COELHO, 2012, p. 17)

As histórias infantis são obras que se reinventam para atrair a atenção da criança leitora, que já nasce neste novo cenário, agora midiaticado. Alguns exemplos: as editoras investem, cada vez mais, em livros com áudio e leitor de código QR, que direciona o leitor para o site da editora; existem livros com cenas de capítulos projetadas em um miniprojetor de imagens; livros que vêm acompanhados de brinquedos como uma câmera de animação, microfone, jogos de quebra cabeça; a presença da gamificação do livro, por meio dos elementos como o '*faça você mesmo*' e '*crie o cenário da história*'; livros investem, cada vez mais, no aspecto estético-imagético, com imagens em pop-ups (que parecem "saltar" das páginas, imitando o mesmo efeito de uma página da web).

3. O leitor na sociedade midiaticada

Para fins desta pesquisa, conceituaremos midiaticação, conforme sugere Gomes (2015, p. 34), como um elemento essencial para a compreensão do fenômeno comunicacional nos dias de hoje:

A midiatização tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo. Desse modo, se se tornaram parte do todo, não se pode vê-los como uma esfera separada. É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural.

O conceito de midiatização, a partir de Gomes (2013) e Fausto Neto (2008), entende a sociedade midiatizada como um caldo cultural, em que diversos processos sociais acontecem simultaneamente, potencializando renovadas formas de ser e estar no mundo. E, como uma das consequências desta nova ambiência, há uma reconfiguração do leitor, que se transforma num leitor mais ativo, coprodutor, que não é mero repetidor, mas sim é convidado a criar a partir do texto lido. Nesse contexto, é preciso considerar o livro infantil como um dispositivo interacional, dentro da acepção de Braga (2011, p. 12), que o denomina como “táticas-padrão, de modelos reconhecíveis, mas com grande plasticidade de acionamento, que podem ser chamados pelos participantes a serviço da comunicação.” Para o autor, não existe comunicação sem interação e o livro infantil se configura como dispositivo interacional, pelo fato de ir além da relação obra-leitor, trazendo a história para o diálogo intersubjetivo, dentro do ambiente no qual está inserido.

Neste circuito, os dispositivos de mídia efetivam o convite ao leitor, para que interaja com as narrativas e participe como coprodutor – que é, justamente, o que ocorre com o ato de leitura dos contos de fadas atuais. É o que afirma Cagneti (2013, p. 12-13), ao escrever:

A literatura infantojuvenil, não só brasileira, como os textos endereçados a crianças e jovens, de diferentes lugares e aqui trazidos, vem pedindo ao leitor uma atitude de complementação, associação, recriação e redimensionamento, a partir dos próprios pontos de vista, das leituras e dos conhecimentos anteriores, das buscas particulares e do preenchimento dos vazios propositais que dependerão das novas leituras que cada um será capaz de encontrar e fazer.

Nesse processo de coprodução, o leitor ora é receptor e ora é produtor, o que o torna, igualmente, um partícipe do processo de circulação de conteúdos, um dos pilares da estrutura da sociedade midiatizada. Segundo Fausto Neto (2010, p. 06), na sociedade midiatizada, os processos de circulação de mensagens e, de modo especial, de produção de sentidos, organizam uma nova arquitetura comunicacional, afetando as condições de vínculos entre produtores e receptores:

Na “sociedade em vias de midiatização” estamos diante de um novo cenário sócio-técnico-discursivo que constitui as novas interações entre

produção/recepção. Estas resultam diretamente, de novas formas de organização de circulação dos discursos. A problemática dos efeitos de sentido assume uma nova complexidade, requerendo dispositivos analíticos, especialmente procedimentos refinados que possam descrever como a circulação deixa se mostrar em novos cenários. Nesta, a circulação re-situa além das interações, conceitos clássicos ao processo da comunicação, como por exemplo, o de notícia e o de acontecimento.

Esse leitor torna-se mais autônomo, à medida em que não é mais tão indispensável a presença do “mediador de leituras”, que tinha um papel mais ativo na sociedade dos meios/mediações, marcada pela presença de um leitor intermediador da narrativa contida no livro e o seu público leitor – a criança. É aquela clássica imagem que temos do adulto, geralmente um parente ou o professor, lendo para a criança, que, por seu turno, mantinha uma posição de atenção e imobilidade diante da leitura. É o que registra Rubem Alves, numa bela crônica sobre a importância da leitura:

Isto é verdadeiro também sobre aprender a ler. Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está a ler.

Num primeiro momento, as delícias do texto encontram-se na fala do professor. Usando uma sugestão de Melanie Klein, o professor, no acto de ler para os seus alunos, é o "seio bom", o mediador que liga o aluno ao prazer do texto. (...)

Os dispositivos técnicos, como a presença de áudios na narrativa e de jogos, além das próprias histórias projetadas a partir de animações, rompem com esta ritualidade de o adulto contar as histórias para as crianças. O livro impresso, então, reconfigura-se, para estabelecer com o leitor relações próximas às estabelecidas pelas mídias digitais.

Para Ferreira (2013, p. 140), “o lugar do digital no campo da comunicação enquanto processo social já atinge uma reestruturação do mercado das mídias no Brasil”. Nesse cenário é que a circulação surge como um objeto que permite pensar o âmbito das relações intra e intermediáticas. Conceituando, a partir de Ferreira e Rosa (2011), circulação intramediática é aquela que acontece dentro do dispositivo e circulação intermediática é aquela que acontece entre os dispositivos. Como forma de exemplificação, podemos relacionar:

- a) Circulação Intramediática: um livro infantil que traga, no seu interior, outro dispositivo, que irá acionar outras técnicas – como um projetor de imagens ou uma imagem em pop-up, que “salta” das páginas do livro (um castelo, uma paisagem, cartas e demais objetos), ou ainda um áudio que narra a história para a criança, como ilustra a figura abaixo:

Figura 1: livro infantil com imagens em pop-up



Fonte: <http://www.iocomunica.com.br/voce-sabe-o-que-e-um-livro-pop-up/>

b) Circulação Intermediária: quando uma história de um clássico infantil pode estar presente em um seriado, como é o caso do *Once Upon a Time*⁵, ou o livro configurando-se em games, ou ainda em um parque temático, como o da Disney, como na figura abaixo:

⁵ Série de TV norte americana, lançada em 2011, que aborda o gênero conto de fadas. Na narrativa, a personagem principal, filha da Branca de Neve, chega à cidade de Storybrooke, no interior do Maine, para mudar a cidade aonde os contos de fadas são reais. Fonte: <http://onceuponatimebrasil.net/serie/>

Figura 2: Seriado Once Upon a Time



Fonte: <http://www.castelonerd.com.br/#!/Once-upon-a-time/c2011/557041790cf219f1772539bc>

Por fim, cabe ainda ressaltar que este novo leitor está inserido em um mundo com um novo formato; um mundo em que a sua própria percepção muda. São novas crianças, como defende Serres (2015, p. 19):

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta a Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça.

É também o que Santaella identifica na sua pesquisa sobre o novo padrão de leitor do século XXI, vinculado às novas tecnologias e à internet, que ela denomina de “leitor imersivo” (SANTAELLA, 2004).

4. Considerações finais

No percurso teórico que este artigo se propôs a fazer, cabem algumas considerações, a título de conclusões preliminares – tendo em vista a natureza processual do estágio atual da pesquisa, que vai redundar na produção da dissertação de mestrado “Os Contos de Fadas na Sociedade em Mídia”, que vai analisar quais os aspectos da midiatização estão presentes em livros clássicos infantis:

- a. O livro infantil acompanha a trajetória da criança, desde o momento em que se instituiu a concepção de infância, como ficou registrado por Zilberman (2013). Desta forma, trata-se de um dispositivo de formação e informação para este público, adicionado a outros aspectos, como o lazer, a relação com o lúdico, a

ativação da imaginação deste leitor. O livro infantil acompanha a criança, então, na sua trajetória de vida;

- b. Este livro, cabe dizer, não ficou anacrônico. Pelo contrário, ele vem se desenvolvendo e se adaptando às conjunturas espaço-temporais e sociais, para atender ao leitor de cada época. Mudam as sociedades, ele também muda para agradar ao seu leitor infantil. O livro se adapta para não morrer, como afirma Umberto Eco (2010, p. 17): “O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é”;
- c. Mas o que o faz fascinante, muito mais do que a sua adaptação, é o que ele traz de conteúdo e narrativa. As histórias, os valores, a fruição da imaginação que ele encerra se mantêm. Isso se dá por conta da necessidade que o ser humano tem de dar sentido a sua vida por meio das narrativas. Em última análise, são as narrativas que conferem sentido à vida humana. Uma ótima metáfora para esta relação está no mito da Sherazade e suas Mil e Uma noites – que, a cada noite, inventa uma narrativa para continuar viva;
- d. Na sociedade em vias de midiaticização, o livro infantil mantém sua força, como dispositivo interacional, como afirma José Luiz Braga (2011). Entretanto, passa por modificações sócio-técnico-discursivas, o que lhe dá suportes midiáticos e institui uma relação de coprodução de conteúdo com este novo leitor. Câmeras, áudios, games, imagens em pop-up e 3D e outros dispositivos que os livros infantis apresentam não são apenas brinquedos acessórios, mas aspectos que estabelecem uma nova forma de interação e, por conseguinte, de efetivação de um novo vínculo entre produção e reconhecimento de sentidos.

Referências

- ALVES, Rubem. O prazer da leitura. In: **Gaiolas ou asas – a arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2004.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida. **Mediação e Midiaticização**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. p. 31-52. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação. In: **XX Encontro da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Leituras em contraponto: novos jeitos de ler**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CANTON, Katia. **1001 noite à luz do dia: Sherazade conta histórias árabes**. São Paulo: DCL Difusão Cultural, 2010.
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos- mitos- arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CORRÊA JÚNIOR, Carlos Cícero Marques; et al. **O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho**. In: Revista Educação, Gestão e Sociedade, Faculdade Eça de Queiró, Jandira (SP), Ano 6, número 21, fevereiro de 2016.
- CORSO, D. L., CORSO, M. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FAUSTO NETO, Antonio. A Circulação além das bordas. In: **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina**. Rosário: UNR, 2010 p. 2-17. Disponível em: <http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>
- FAUSTO NETO, Antonio. Midiatização – prática social, prática de sentido. Encontro da Rede Prosul “**Comunicação e Processos Sociais**”, 2005. São Leopoldo: Unisinos/PPGCOM.
- FERREIRA, Jairo et al. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. In: BRAGA, José Luiz; et al. **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos: 2013.
- GOMES, P. G. In: BRAGA, José Luiz; et al. **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (org.). CIM – **Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015 p. 33-54.
- MOERBEEK, K. **Meu diário secreto da Cinderela**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.
- PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Tradução disponível em http://www.colegiogeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf
- RIBEIRO, Eliana Bueno. **Contos de Charles Perrault**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SERRES, Michel. **A Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. São Paulo: Global, 2003.